

Abordando Cauê¹ *Addressing Cauê*

Mabe Bethônico

Tradução: André Leal

Em Minas Gerais, erguia-se um pico que era conhecido pelo nome de Cauê. Ao longo dos últimos 80 anos Cauê foi exaurido até se tornar um buraco de profundidade comparável ao que um dia foi sua altura. O que resta hoje do Cauê é uma parede frágil ao redor de sua própria forma negativa. Um dia decidiu-se que era o maior depósito de minério de ferro do mundo, e assim ele se tornou testemunho de extrações ferozes. Suas cicatrizes horizontais, como bocas insaciáveis lacerando a paisagem, resultaram de uma longa história de mineração a céu aberto, que alimentou mercados no país e no exterior. Cauê foi removido por mãos, deslocado por máquinas, viajando pelo país e pelos oceanos e retornou fabricado, re-fabricado e manufaturado. Ele é testemunho de uma desfiguração espalhada, um depósito de poeira contido por banhos de água que previnem que tempestades de poeira invadam Itabira, sua cidade natal. Ele teria muito a ‘dizer’² e deveria ser referenciado como um ponto de vista emblemático, a partir de onde se articulariam questões ligadas a sistemas biológicos e geológicos, trabalhistas, de injustiça social, de urbanismo e de poder ligados à economia extrativista.

Cauê pode ser visto como um monumento *reflexivo*. Sua superfície brilhante, rica em minério de ferro, antigamente refletia a luz, se fazendo visível desde longe. Com a extração, seu pó prateado cobriu Itabira, suas ruas pavimentadas e suas casas de fato brilhavam. Hoje considerado ‘exaurido’, ele se apresenta como uma figuração, uma voz, para considerar a relação dominante dos humanos com a

¹ Este texto foi publicado originalmente em inglês em: Bethônico, Mabe [ed.]. *Missing words for considering stones, rocks, pebbles and mountains: a vocabulary of proximity*. Genève: StoneStatements editions, 2021. Disponível em: <https://www.mabebethonico.online/>. Acesso em jul. 2023.

² Parte deste texto foi escrito como contribuição para o projeto Future Assembly, de Olafur Eliasson e Sebastian Behmann para a 17ª Bienal de Arquitetura de Veneza, 2021. Eu propus um discurso para ser lido por um Cauê ‘profundo’, apresentado em uma obra sonora feita em colaboração com a artista inglesa Hannah Stewart, que também dá voz à montanha.

geologia da Terra. A escavação do Cauê e seus depósitos vizinhos foi justificada com argumentos de desenvolvimento, geração de empregos e ganhos para o município e para o país. Enquanto uma parte da comunidade aceita a chegada dos empreendimentos, aqueles que resistem normalmente não têm poder para derrubar as licenças de exploração e expansão concedidas. Como tornar visíveis as evidências de perda e injustiça de modo a empoderar comunidades e evitar desastres socioambientais? Quais meios podem ser ativados para fazer com que as pessoas tenham consciência de que o extrativismo é uma escolha política, que inviabiliza uma economia independente e sustentável? Pode o reconhecimento da perda de um monumento geológico ser uma ferramenta para resistir à extração, ao se reconhecer seu valor ligado à memória coletiva e aos danos afetivos e psicológicos? Pode o Cauê se tornar um veículo de reivindicação?

O Cauê é essencial para o nascimento de Itabira, que cresceu ao redor de sua extração, e da Vale, ex-estatal e atualmente uma das maiores multinacionais de mineração do mundo. A Vale é responsável pela morte de mais de 300 pessoas em 2019, na tragédia de Brumadinho, onde o excesso de rejeitos causou a ruptura de uma barragem, contaminando todo o vale, atingindo muitas comunidades. As práticas criminosas da Vale incluem outra ruptura de barragem em Bento Rodrigues em 2015, que levou vidas, afetou todo um ecossistema e o rio Doce, fluindo ao longo de seus 550km em direção ao mar, biótopo fundamental para as populações indígenas que habitam suas margens. Grande parte da extração do Cauê e das minas que lhe são vizinhas, que se juntam formando uma única e vasta cicatriz em Itabira, pode ser rastreada até a Suíça. O escritório europeu da Vale é na cidade de Lausanne: uma construção preta e branca com janelas e portas indiscerníveis e protegidas dos olhos públicos. O escritório tem vista direta para os Alpes, onde correm águas limpas e as árvores florescem. Apesar de também estarem sendo afetados pelo aquecimento global, na Suíça, os Alpes são claramente um símbolo e um patrimônio preservado. No final de 2020, a Suíça realizou um plebiscito sobre a iniciativa Multinacionais Responsáveis, que propunha a responsabilização das empresas sediadas no país pelo que ocorre em suas cadeias de suprimentos. Apesar da ampla popularidade da campanha e da estreita margem entre os dois lados, a iniciativa não foi aprovada. Mas o futuro na Terra depende da tomada de consciência de que nós somos todos interconectados, interdependentes, e que o sul não é um lixão com alguns oásis para o lazer dos ricos.



Figuras 1-4
As fotos que ilustram o texto
foram feitas pela autora na
Mina da Vale em Itabira (MG),
em 2010







Mabe Bethônico trabalha em diálogo com arquivos, bibliotecas, museus, usando mídias variadas como impressões, publicações, pôsteres, sites e palestras. Ela lida com limites entre material histórico e invenção, evidenciando como a informação pode ser construída e continuamente retrabalhada. Seus projetos se baseiam em pesquisas e podem se estender ao longo de vários anos. As produções derivam em publicações, exposições e conferências e podem ser incorporadas ou construídas em arquivos flexíveis, por vezes constituindo coleções. Ela expõe regularmente no Brasil e na Europa e é uma figura proeminente na cena artística brasileira, tendo ganho vários prêmios e sido apoiada por agências de pesquisa e museus. Junto com o grupo internacional de artistas e teóricos *World of Matter*, constituído em 2010, suas pesquisas focalizaram temas relativos à mudança climática e economias extrativistas. Uma das principais referências em seus trabalhos é a história da mineração em Minas Gerais. Voltados para a destruição e a vida de trabalhadores ao redor das minas, os projetos narram as transformações culturais, econômicas e políticas causadas pelas atividades extrativistas, usando tanto documentos quanto documentação em campo. Mabe já trabalhou com conteúdos de coleções como *Eisenbibliothek* em Schlatt e o *Museu de Etnografia de Genebra*, o *Imperial College* em Londres e com materiais de arquivos brasileiros como fotografias do Setor de Mineração do Ministério do Trabalho e Emprego. Frequentemente acompanhados de apresentações com projeção de imagens, os trabalhos rearticulam fatos históricos e narram os processos de pesquisa em si.

Texto originalmente publicado na revista *Afterimage*, v. 47, n. 2, em junho de 2020; doi: <https://doi.org/10.1525/aft.2020.472004>

Referências

- BAKKE, Monica. *Geologizing the present. Making kin with mineral species and inhuman forces*. Disponível em: https://www.academia.edu/22659384/Geologizing_the_Present_Making_Kin_with_Mineral_Species_and_Inhuman_Forces. Acesso em jul. 2023.
- BALLARD, J.G. *The crystal world*. New York: Berkley, 1967.
- GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. São Paulo: Paz e Terra, 1979.
- YUSOFF, KATHRYN. *A billion black Anthropocenes or none*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2018.
- YUSOFF, KATHRYN. *The Anthropocene and geographies of geopower*. Disponível em: https://law.unimelb.edu.au/__data/assets/pdf_file/0009/3118248/8.1-Yusoff,-Kathryn,-The-Anthropocene-and-Geographies-of-Geopower.pdf. Acesso em jul. 2023.

Dossiê recebido em março de 2023 e aprovado em maio de 2023.

Como citar:

BETHÔNICO, Mabe. Abordando Cauê. Dossiê Os Estratos da Terra. Tradução: André Leal. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 29, n. 45, p. 130-137, jan.-jun. 2023. ISSN-2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.60001/ae.n45.8>. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>.